

O TRÁGICO EM “ÉDIPO REI” E “ANJO NEGRO”: um estudo comparativo

THE TRAGIC IN “OEDIPUS THE KING” AND “BLACK ANGEL”: a comparative study

Tiago Almeida Assumpção¹

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo fazer um estudo comparativo entre a peça grega, “Édipo Rei” (2006), e a peça brasileira, “Anjo Negro” (2021), a fim de perceber os movimentos influenciadores que os clássicos ainda exercem em obras contemporâneas, assim como os processos inovadores na peça trágica contemporânea. Além disso, esse trabalho visou investigar como se deu a construção do trágico em ambos os casos. Para tanto, foi feita uma leitura prévia das duas peças e, depois, um estudo bibliográfico, composto por Aristóteles (2017) e Adilson dos Santos (2005). A análise aqui feita se deu a partir da descrição dos elementos que constituem uma tragédia. Em seguida, cada peça analisada foi descrita separadamente, tendo em vista os aspectos que as fazem ser consideradas como tragédias. Depois, foi feita uma comparação propriamente dita entre ambos os textos, buscando observar como foi construído o trágico em cada caso e como foram construídos os heróis em cada peça. Na conclusão, podemos perceber que a peça de Nelson Rodrigues tem muitas semelhanças com a de Sófocles, o que nos permite afirmar que o autor brasileiro se influenciou, em certa medida, pelo autor grego. Contudo, também foram apontados pontos de divergência entre ambas as peças, principalmente no que concerne à construção do herói e à construção do trágico.

Palavras-chave: Édipo Rei. Anjo Negro. Peça. Tragédia. Trágico.

ABSTRACT

This work aims to make a comparative study between the Greek play “Oedipus the King” (2006) and the Brazilian play, “Black Angel” (2021), in order to understand the influencing movements that the classics still exert in contemporary works, as well as the innovative processes in the contemporary tragic play. Furthermore, this work aims to investigate how the tragic construction takes place in both cases. For that, a previous reading of the two pieces was made and then a bibliographical study, composed by Aristotle (2017) and Adilson dos Santos (2005). The analysis made here was based on the description of the elements that constitute a tragedy. Then, each piece analyzed was described separately, considering the aspects that make them considered as tragedies. Afterwards, a proper comparison was made between both texts, seeking to observe how the tragic was constructed in each case and how the heroes in each play were constructed. In conclusion, we can see that Nelson Rodrigues' play has many similarities with Sophocles', which allows us to state that the Brazilian author was influenced, to some extent, by the Greek author. However, points of divergence between both plays were also pointed out, mainly regarding the construction of the hero and the construction of the tragic.

Keywords: Oedipus the King. Black Angel. Play. Tragedy. Tragic.

¹ Graduando em Letras (Português/Inglês) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: tiagostoned@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como objetivo fazer um estudo comparativo entre a peça grega “Édipo Rei”, e a peça brasileira, “Anjo Negro”, sobretudo no que concerne ao trágico e aos efeitos de sentido decorrentes dele em cada uma dessas obras. A primeira delas foi escrita por Sófocles, um dos principais representantes do teatro grego oriundo da cidade-estado de Atenas, sendo publicada por volta do século V a.C. Trata-se de uma tragédia na qual seu protagonista, o rei Édipo, faz uma investigação sobre o que aflige a cidade-estado de Tebas e seus cidadãos. Para tanto, ele buscou respostas de oráculos que lhe disseram que o motivo para o estado decadente da cidade era que o culpado pelo assassinato de Laio, antigo rei de Tebas, estava impune e ainda habitava a cidade. O oráculo Tirésias aconselhou-o para que não procurasse o culpado pelo crime porque a resposta traria ao rei muitas desgraças. Entretanto, Édipo se enfureceu com o oráculo e continuou as investigações e ignorou todos os conselhos que outros personagens da peça lhe deram ao longo da narrativa para que ele não prosseguisse na busca pelo culpado. No decorrer do enredo, várias evidências foram descobertas, indicando que o próprio Édipo era o culpado pelo crime e que o antigo rei era, na verdade, seu pai. Além disso, o protagonista descobriu que ele também se casara e tivera filhos com a própria mãe, Jocasta, antiga esposa de Laio. Após a descoberta, Jocasta se matou no palácio e, após ver a cena, Édipo furou os próprios olhos, ficando, assim, cego. No final da peça, Édipo pediu ao novo rei de Tebas, Creonte, que ele fosse exilado. O protagonista deixou a cidade após se despedir das filhas.

Já a segunda, foi escrita por Nelson Rodrigues, um escritor considerado por muitos como o mais influente dramaturgo do Brasil. Essa peça foi publicada em 1947 e aborda o racismo como o principal tema. Nela, a história começa com a morte de mais um filho recém-nascido de Ismael, um negro, e Virgínia, uma branca. As pessoas ao redor lamentavam-se com o ocorrido até que Elias, o irmão cego de Ismael, chegou no local. Ele soube das notícias e foi conversar com o irmão para pedir que ele o deixasse ficar em sua casa. Ismael ficou bravo com o pedido e os dois discutiram. Nessa discussão, foi revelado que Ismael odiava Elias por ele ser branco e filho de pais brancos enquanto ele era negro e filho de uma mãe negra. No fim, ele deixou que o irmão ficasse em sua casa, mas o proibiu de conversar com sua mulher. No decorrer do enredo, podemos ver que Ismael e Virgínia sentiam ódio um pelo outro e que Ismael a prendia em sua casa para que ela não visse homens brancos e a violava quando desejava ter filhos. Quando ela viu Elias, ela sentiu-se atraída por ele e o seduziu. Os dois transaram e ela ficou grávida. Ao longo do enredo, é também revelado que Virgínia matou os filhos que ela

teve com Ismael por eles serem negros e se parecerem com o pai. Após saber do adultério, Ismael e Virgínia discutiram e, no final, decidiram matar Elias. A narrativa então pula alguns anos adiante, e o nascido da união entre Elias e Virgínia nasceu com a pele branca, mas era uma mulher, chamada Ana Maria. Virgínia odiava o fato de ela ter nascido uma mulher, porque ela queria amar o bebê como ela amou o pai. Ela queria-o todo para si. Mas como nasceu uma mulher, ela a odiou por isso. Ismael, contudo, adorou esse fato. Ele a criou como se fosse a sua própria filha. Ao longo dos anos, ele cegou a menina e contou história sobre como os negros eram feios e perversos e que ele era o único branco. Quando Ana Maria virou adolescente, ela o considerava como pai e ela odiava a mãe. Em uma discussão que Virgínia teve com Ana Maria, a filha revelou que tivera transado com Ismael. Após isso, Virgínia manipulou Ismael e o convenceu a matar Ana Maria, deixando-a presa num túmulo de vidro. A peça terminou com Ismael e Virgínia deitando-se juntos, dominados pelo desejo, e o coro lamentando pelo fim de Ana Maria e pelo ódio que Ismael e Virgínia sentiam um pelo outro.

É importante percebermos os movimentos influenciadores que os clássicos ainda exercem em obras contemporâneas. Muitas vezes, eles podem servir como base para a inovação nos processos criativos. Além de vermos no presente trabalho como se dão esses processos e influências, investigaremos como se dá a construção do trágico em ambos os casos. Neste trabalho, serão descritos mais adiante pontos de convergência e divergência entre ambas as peças. Para a análise propriamente dita, foram utilizadas como aporte teórico as contribuições de Adilson dos Santos, em “A tragédia grega: um estudo teórico” (2005), e de Aristóteles, em “Poética” (2017).

ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DE UMA TRAGÉDIA

O primeiro estudo teórico a respeito da tragédia foi feito por Aristóteles, no século IV a.C., em um livro conhecido como “Poética”. Nele, o autor não só faz reflexões sobre o gênero trágico, como também aborda os aspectos da epopeia e outros gêneros. No entanto, para os fins deste trabalho, nos limitaremos apenas ao que se refere à tragédia. Primeiramente, o autor define a tragédia como podemos ver no excerto abaixo:

É, pois, a tragédia a mimese de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada, com cada uma das espécies de ornamento distintamente distribuídas em suas partes; mimese que se efetua por meio de ações dramatizadas e não por meio de uma narração, e que, em função de compaixão e do pavor, realiza a catarse de tais emoções (ARISTÓTELES, 2017, p. 71).

Ou seja, nesse sentido, a tragédia seria uma representação feita por atores encenando uma ação completa, um único evento que forma um todo no enredo. Na tragédia grega, os atores mimetizam personagens de caráter elevado por meio de linguagem metrificada, rítmica ou cantada, personagens estes que realizam ações no decorrer do enredo que constroem seu caráter e determinam o seu fim, provocando no espectador sentimentos de compaixão, pavor, e a catarse. As ações na tragédia são dramatizadas, não narradas da mesma forma que são nas epopeias.

A respeito das partes constituintes da tragédia, o filósofo grego diz que:

Uma vez que a tragédia é a mimese de uma ação que se efetua por meio da atuação das personagens que devem, necessariamente, possuir qualidades segundo o caráter e o pensamento [1450a] (o pensamento e o caráter [são as duas causas naturais das ações], pois é por meio desses fatores que também se qualificam as ações e segundo as ações todos são bem-sucedidos ou malsucedidos), e o enredo é a mimese de uma ação – pois digo que o enredo é a combinação dos fatos [5]; os ‘caracteres’, o que nos permite dizer que as personagens em ação possuem tal ou tal qualidade; e o “pensamento”, todas as personagens que viabilizam, aos que falam em cena, demonstrar algo ou manifestar algum conhecimento -, é necessário que, como um todo, a tragédia seja constituída de seis partes – por meio das quais possui tal ou tal qualidade -, a saber: enredo, caracteres, elocução, pensamento, espetáculo e melopeia [10]” (ARISTÓTELES, 2017, p. 75).

Dessa forma, a tragédia possui seis partes: enredo, caracteres, elocução, pensamento, espetáculo e melopeia. O enredo é a mimese de uma ação formada resultante da combinação dos fatos que constituem o enredo. Os caracteres se referem aos personagens mimetizados agindo em determinada ação. A elocução é a “manifestação de sentido que ocorre em função da escolha das palavras, e que possui a mesma efetividade quer tratemos de versos ou de prosa” (ARISTÓTELES, 2017, p. 87). O pensamento diz respeito aos personagens que falam em cena, demonstrando algo ou manifestando algum conhecimento. O espetáculo é o espetáculo no âmbito visual e a melopeia é a parte musical da peça.

Se observarmos sob a ótica de um analisador contemporâneo das tragédias gregas, nos será possível notar outros aspectos constitutivos das tragédias. Adilson dos Santos (2005), por exemplo, chama atenção também para a fábula, o herói e o coro, além de explicitar conceitos importantes pertencentes ao enredo.

A fábula diz respeito aos mitos. Estes normalmente contam histórias de heróis ocorridas na idade heroica, séculos antes do momento em que autores como Sófocles, Ésquilo e Eurípedes decidiram reinterpretá-los tragicamente. A esse respeito, Adilson dos Santos aponta que:

Embora a epopeia e a tragédia estejam enraizadas na idade heroica, o mito não é explorado da mesma forma em ambas as tendências. Na epopeia, o herói mítico é o

representante mais significativo de uma linhagem. É forte, belo, inteligente, corajoso e virtuoso; um modelo a ser seguido, admirado e não questionado. Seus feitos são apresentados ao leitor através de um processo de desvendamento gradativo. Já na tragédia, o herói deixa de ser um modelo e passa a ser colocado com suas ações como um problema a ser resolvido diante dos espectadores. Suas qualidades são as mesmas dos personagens épicos, e são elas que lhes permitem suportar com dignidade o seu destino (SANTOS, 2005, p. 53).

Os textos trágicos se restringiam à mimetização de uma ação, que geralmente era um mito ou um episódio dentro do mito. O dramaturgo escolhia como recorte para a sua peça um momento específico da vida do herói.

A respeito do herói trágico, o analista brasileiro diz que ele era sempre ligado a linhagens reais e era um homem bom. Ele não era totalmente bom, porque, se fosse, ele não despertaria um vínculo com a plateia, nem mau caráter, para não despertar o desgosto do público. O herói equilibrava as virtudes e os vícios. Geralmente, no início da peça, o herói estava no auge de sua reputação e prosperidade, sendo belo, forte, rico, inteligente e possuindo o domínio da fala. Apesar de tais características, graças a um golpe do destino, ele se vê vítima de um acontecimento terrível que o conduz à desgraça, sufocando suas alegrias (SANTOS, 2005, p. 58). O autor também frisa um importante aspecto do herói trágico, dizendo que “Convém, no entanto, ressaltar que a ação desrespeitosa por ele praticada efetiva-se de forma inconsciente e o erro a ele imputado, apesar de ser de natureza transgressora, não é moral” (SANTOS, 2005, p. 59).

O coro, nas palavras do analista brasileiro,

Mais que exaltar as virtudes exemplares do herói, este ser coletivo e anônimo põe-nas em questão diante do público. Através de um discurso expresso por meio de cantos líricos corais e marcadamente solene, permeado de expressões religiosas, louva como normas de conduta a medida e a prudência (SANTOS, 2005, p. 60).

Dessa forma, o coro é um elemento coletivo dentro da peça, que observa de longe e põe em questão as atitudes do herói. Como visto no trecho acima, ele louva as normas de conduta dentro da sociedade e a medida. Quando o herói comete uma desmesura, o coro exprime questionamentos contra a atitude do herói, apesar de sua simpatia por ele.

Sobre os conceitos importantes que fazem parte do enredo, segundo Adilson, foram a peripécia (peripeteia), o reconhecimento (anagnórisis) e a catástrofe (sparagmós). O autor define o primeiro, sendo

A peripécia (peripeteia) consiste no estabelecimento do conflito em função de uma ação que acontece ao contrário da que estava programada e volta-se para o seu oposto. Trata-se de um momento em que se dá a inversão da situação do personagem e este se torna um dos polos de uma ‘contradição inconciliável’ (SANTOS, 2005, p. 55).

Já o reconhecimento (anagnórisis),

[...] é a passagem do ignorar ao saber que, normalmente, dá-se ao final do enredo trágico. Não se trata de um momento em que o público toma conhecimento de algum fato, mas do momento em que o herói toma consciência de algo que assumirá um papel significativo para o seu destino. Ele reconhece que cometeu um terrível erro — *harmatía* — impulsionado por sua desmedida — *hybris* — e aceita o retorno à ordem, nem que para isso deva pagar com seu próprio sangue ou com a morte daqueles que lhe são queridos (SANTOS, 2005, p. 56).

O último elemento fundamental que constitui uma tragédia grega e está situado no enredo, é a catástrofe (*sparagmós*). Para Adilson Santos,

A catástrofe (*sparagmós*) é a ação resultante da combinação da peripécia com o reconhecimento, produzindo destruição e dor no final da obra. Assumindo a culpa, o herói acaba por se mutilar ou suicidar. Sacrificando-se, purga o crime pela comunidade, purificando-a, e opera o restabelecimento de uma integração perdida. Aliás, a própria base na qual se fundamenta todo o enredo trágico encontra-se precisamente neste regresso (SANTOS, 2005, p. 56).

ÉDIPO REI

Nesta e na próxima sessão do trabalho, serão descritas e analisadas as peças “Édipo Rei” e “Anjo Negro”, respectivamente, à luz do que foi discutido no tópico anterior. Na peça do autor ateniense, o enredo mimetiza uma ação: a busca de Édipo pelo assassino do antigo rei de Tebas. Nessa ação, são somados vários fatos que culminam no desfecho da peça, e, entre o começo e o fim, podemos ver a peripécia, o reconhecimento e a catástrofe. A peripécia nessa peça se deu quando o mensageiro foi para o palácio de Édipo com notícias, a fim de tranquilizá-lo das preocupações que ele sentia em relação à sua mãe e, após contar-lhe sobre suas origens, causou o efeito oposto.

O reconhecimento em “Édipo Rei” ocorreu justamente quando Édipo recebeu as notícias do mensageiro, passando, assim, da ignorância para a consciência de que não só fora ele, de fato, o assassino do pai, mas também ele era pai de filhos que tivera com a própria mãe.

A catástrofe nessa peça ocorreu após a peripécia e o reconhecimento, mais especificamente quando Jocasta, a mãe de Édipo, se suicida no palácio e Édipo vê a cena. Após

assumir a culpa do que acontecera, o herói mutilou os próprios olhos. Após isso, ele aceita se exilar de Tebas.

Podemos ver, ao todo, nove caracteres na peça (Édipo, Jocasta, Creonte, Tirésias, Sacerdote, Mensageiro, Pastor, Criado e Corifeu), dez, se contarmos o coro como uma espécie de caractere coletivo. Todos eles são encenados por atores que agem mimetizando nos limites da ação já citada da peça. Podemos também ver a elocução e o pensamento nas falas dos caracteres. O espetáculo e a melopeia também estão presentes na peça (embora atualmente seja difícil encontrarmos encenações dessa peça).

Em “Édipo Rei”, vemos também a presença do mito na peça. Sófocles usou o mito do rei Édipo (mais especificamente quando ele descobre suas origens), mas adicionou a ele o tom trágico presente na peça. Vemos em Édipo um herói que não é mais um modelo a ser seguido, inquestionável, apesar de ainda possuir um caráter elevado. Vemos nele um indivíduo culpado por ações questionáveis, com problemas a serem resolvidos diante dos espectadores.

A respeito do herói da peça, Édipo, podemos dizer que ele é oriundo de uma linhagem real e era considerado um homem bom, possuindo diversas qualidades. Ele possuía reputação, inteligência, domínio da fala e era próspero. Porém, sabemos que ele possuía seus defeitos, tendo em vista as ações que ele cometera, mesmo que sem saber. Também ele era um indivíduo demasiado orgulhoso, que ignorou os conselhos dos outros para que parasse sua busca, e propenso à raiva, visto que ele insultou o sacerdote Tirésias, ao ouvir dele que ele era o assassino do antigo rei de Tebas, e insultou Creonte, que era da mesma classe social que ele, sem evidência concreta, ignorando as palavras do coro no processo. Outro aspecto relevante no tocante ao herói é que Édipo não cometeu um erro moral ao matar o pai e cometer incesto com a mãe, uma vez que estava inconsciente desses fatos quando cometeu tais ações.

Por fim, “Édipo Rei” possui um coro. Como descrito no tópico anterior, o coro nessa peça exerce exatamente a função de observar de longe e pôr em questão as atitudes do herói (Édipo). Quando o protagonista cometia alguma desmesura, o coro exprimia questionamentos contra a atitude do herói.

ANJO NEGRO

Em “Anjo Negro”, o enredo mimetiza a relação de Ismael e Virgínia após a morte de seu terceiro filho. Nessa peça, a peripécia se deu quando Virgínia vai contar para Ana Maria sobre as intenções verdadeiras de Ismael. Ana Maria, no entanto, sabia dos desejos de seu suposto pai e admitiu ter transado com ele. Virgínia esperou romper o vínculo que Ana Maria

tinha por Ismael, mas o que ocorreu foi uma afirmação desse vínculo, e o ódio que Virgínia tinha pela filha se acentuou após a descoberta do caso.

O reconhecimento em “Anjo Negro” ocorreu quando Virgínia e Ismael estavam discutindo sobre Ana Maria. Nessa cena, Virgínia admitiu ter desejado incestuosamente o bebê que estava em seu ventre e o ter odiado quando ela descobriu que era uma menina, Ana Maria. Por sua vez, Ismael admitiu ter desejado Ana Maria desde que ela era um bebê e a cegou para criar uma imagem idealizada de si mesmo para ela, a fim de fazer que desejasse somente a ele.

A catástrofe nessa peça ocorreu como um resultado da peripécia e do reconhecimento. Após Virgínia ter descoberto que Ana Maria tinha se relacionado sexualmente com Ismael, ela foi conversar com ele a respeito desse assunto. A esposa de Ismael conseguiu persuadi-lo através do desejo a matar Ana Maria. Os dois prendem a jovem cega dentro de um túmulo de vidro onde ninguém era capaz de ouvi-la gritar.

Há 14 caracteres ao todo na peça (Ismael, Virgínia, Elias, Ana Maria, Tia, 4 primas, 4 coveiros e Hortênsia), 15 se contarmos o coro. Todos esses personagens são encenados por atores que agem mimetizando a ação da peça. Podemos também ver a elocução e o pensamento nas falas dos caracteres. A peça foi feita para ser encenada em um espetáculo visual, mas a melopeia não está presente em “Anjo Negro”.

Ao contrário de “Édipo Rei”, em “Anjo Negro” não vemos a presença de um mito presente no imaginário coletivo brasileiro, tal como Édipo estava presente no imaginário grego. Também não é possível afirmar que algum personagem desse drama seja considerado como um “herói”, partindo da concepção grega vista em “Édipo Rei”. Nenhum personagem da peça é oriundo de uma linhagem real, nem pode ser considerado bom. Há consideravelmente mais atributos negativos do que positivos nos personagens dessa peça. Ismael, por exemplo, violou Virgínia diversas vezes, aprisionou-a por anos, matou seu próprio irmão (Elias), cegou Ana Maria e nutriu desejos por ela desde sua infância, e era racista, tendo vergonha de ele próprio ser negro. O único atributo positivo que ele tem em comum com Édipo é o fato de ser próspero economicamente. Podemos sentir piedade de Virgínia, na medida em que sabemos que ela ficou aprisionada durante anos na casa de Ismael e foi violentada sexualmente durante todo esse tempo. Contudo, todas as suas ações podem ser condenadas, principalmente se considerarmos valores universais considerados como bons. Por exemplo, Virgínia, matou seus três primeiros filhos por eles serem negros e a lembrarem de Ismael. Ela também admitiu sentir desejos incestuosos pelo bebê que ela teve com o irmão de Ismael, por achar que ele nasceria branco. No final da história, ela admitiu odiar a filha por ela não ter nascido um homem e planejou, junto de Ismael, matá-la. Ana Maria, por sua vez, era a vítima do relacionamento de Ismael e

Virgínia. Ela não possui nenhum atributo que a faz se distinguir entre os homens, como faria um herói grego e, apesar de sua inocência acerca da verdadeira cor da pele de Ismael, ela sempre esteve em uma posição de adversidade. Ana Maria sempre foi uma vítima do casal. Além disso, os heróis da tragédia grega não cometiam um erro mortal intencionalmente, seus erros não eram de ordem moral. Já em “Anjo Negro” as personagens cometiam suas ações com plena consciência de seus atos.

Nessa peça, há também a presença do coro, composto por senhoras que observavam de longe as ações dos personagens e que questionavam suas ações. O coro, em “Anjo Negro”, lamentava as ações cometidas por Ismael e Virgínia contra os próprios filhos.

O TRÁGICO EM “ÉDIPO REI” E “ANJO NEGRO”

Em ambas as peças, vemos o trágico ocorrer entre pessoas com um grau de parentesco próximo. Em “Édipo Rei”, vimos que Édipo matou o pai e teve filhos com a mãe. Em “Anjo Negro”, vimos que Ismael e Virgínia mataram Ana Maria. O primeiro era como um pai para ela e a segunda era sua mãe biológica. Tais parentescos servem para suscitar em ambos os textos pavor e compaixão no leitor, pois as ações dessa natureza que ocorrem entre amigos – como um filho realizando tais ações contra os pais e vice-versa – despertam os sentimentos mencionados, ao passo que, se elas ocorressem entre pessoas com uma relação neutra ou hostil, despertariam nenhum desses sentimentos (ARISTÓTELES, 2017, p. 119-121).

A respeito do herói Édipo, vemos nele diversos aspectos que poderiam caracterizá-lo como um homem bom, mas não demasiadamente bom. Ele era oriundo de uma linhagem real, possuía grande reputação, inteligência, força, beleza, domínio da fala e prosperidade. Contudo, como vimos aqui, ele era um indivíduo demasiado orgulhoso, que ignorou os conselhos dos outros pedindo-lhe que parasse sua busca. Ele também se encolerizou contra Tirésias por este ter dito que era ele o culpado de matar o antigo rei de Tebas e Creonte por achar que ele estava conspirando pelo trono de Édipo. Em contraposição, vimos em Ismael mais aspectos que poderiam caracterizá-lo como um homem mal, ao invés de um homem bom. Poderíamos, até certo ponto, considerá-lo inteligente e com certa reputação por ser um médico de renome. Ele também era próspero como Édipo. Mas suas ações poderiam ser consideradas como próprias de um homem mal. Ele prendeu e violou sua esposa por anos, manifestava racismo contra as pessoas negras, matou o próprio irmão, cegou Ana Maria enquanto ela era bebê, criou-a para odiar pessoas negras e a amá-lo somente e a matou, abandonando-a em um túmulo de vidro. Enquanto Édipo mantinha um equilíbrio entre as virtudes e os vícios, Ismael mostra, no decorrer

do enredo, uma predominância de transgressões morais. Enquanto o herói trágico grego cometeu ações desrespeitosas e transgressoras sob o ponto de vista da sociedade ateniense, como matar o pai e ter filhos com a mãe, ele não as fez de forma consciente e, sendo assim, seus erros não foram de ordem moral. Por outro lado, Ismael realizou todas as ações aqui citadas de forma consciente. Dessa forma, o herói de “Anjo Negro” cometeu, deliberadamente, transgressões de ordem morais.

O principal ponto em que o trágico diverge se compararmos ambas as tragédias é a natureza dele. A respeito do trágico, Adilson dos Santos nos trouxe uma importante observação quando disse que:

O trágico revela-se, pois, pela inexorabilidade do destino. É através do encadeamento de fatos fatídicos que o herói, um ser sem escolha, dá-se conta de sua impotência e vulnerabilidade. A culpa atribuída a Orestes pelo assassinato de sua própria mãe, Clitemnestra, caracteriza-se como involuntária e inevitável. Ao herói não resta outra opção senão, pelas próprias mãos, agir vingativamente. O protagonista da Oréstia, como a maioria dos heróis trágicos, é um ser cuja ação é determinada por uma força sobrenatural. Sabe-se que, nas tragédias, acreditando estar agindo racionalmente, o herói não se dá conta de que seu destino já fora traçado por mãos divinas e, de que, se age de determinada forma, é porque foi constrangido a fazê-lo. As opções que lhe são apresentadas são inelutáveis, precipitando-o na desgraça. É impossível evitar a culpa. Mesmo estando isento de uma intenção delituosa, não o está da responsabilidade (SANTOS, 2005, p. 63-64)

Em “Édipo Rei”, vimos exatamente isso. Édipo não tinha consciência de suas ações e foi pela vontade dos deuses que seu destino foi tecido dessa forma. Édipo se viu impotente contra as forças do destino e realizou, inconscientemente, a profecia que fora lançada sobre ele no seu nascimento: que ele mataria um dia o pai e teria filhos com a mãe.

Já em “Anjo Negro”, o trágico assume outra forma. Ismael, Virgínia e Ana Maria foram vítimas de questões estruturais em nossa sociedade, mais especificamente, do racismo. Todas as suas ações foram originadas pelo racismo que eles tinham contra as pessoas de pele negra. Todo o amor e desejo que eles sentiam por outras pessoas, como Ismael por Ana Maria e Virgínia, e Virgínia por Elias e o filho que ela achava que seria um homem, ocorreram por estas pessoas serem brancas. Ana Maria amou Ismael por ele tê-la educado ao longo dos anos a odiar os negros e a amar os brancos. Para isso, como vimos aqui, ele cegou Ana Maria, quando ela era nova demais para se lembrar desse evento, e disse ser branco para ela. Os personagens dessa peça agiam conscientemente, mas foram vítimas do racismo em nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos aqui, o teatro grego ainda exerce influência no teatro contemporâneo. Ao analisarmos “Édipo Rei” e “Anjo Negro”, podemos ver que ambas as peças possuem semelhanças em vários aspectos constitutivos de uma tragédia. Porém, “Anjo Negro” rompe, em certos pontos, a tradição clássica.

Dos seis aspectos constitutivos em uma tragédia apontados por Aristóteles, “Anjo Negro” possui cinco: enredo, caracteres, elocução, pensamento e espetáculo. “Édipo Rei”, além de possuir esses cinco, possui também a melopeia. A peripécia, o reconhecimento e a catástrofe também se mostraram presentes na obra de Nelson Rodrigues. O coro também assumia papéis similares por serem compostos por uma coletividade que observava de longe as ações dos personagens e as questionavam acerca de sua prudência ou medida.

Entretanto, ao contrário de “Édipo Rei”, em “Anjo Negro” a ação mimetizada não foi extraída de um mito. Além disso, nenhum dos personagens da peça do dramaturgo brasileiro se enquadra no perfil do herói grego. Há entre eles a predominância de atributos negativos e a quase inexistência de atributos positivos. Enquanto os erros cometidos pelos protagonistas das tragédias gregas, como Édipo, não eram de ordem moral, já que eram realizados sem a consciência dos heróis, em “Anjo Negro” todas as ações eram realizadas conscientemente pelos personagens. Também vimos que o trágico foi construído de diferentes formas em ambas as peças. Em “Édipo Rei”, vimos que Édipo era impotente, devido a forças divinas. Em “Anjo Negro”, as personagens eram vítimas do racismo.

Com isso, vimos que há vários pontos de convergência e divergência entre ambas as peças. Podemos ver uma certa influência da obra de Sófocles na peça de Nelson Rodrigues por este ter mantido várias das características presentes em “Édipo Rei” em seu “Anjo Negro”. Contudo, ele inovou em outros aspectos, como foram mostrados aqui. Graças a essas inovações somadas ao apoio no clássico, Nelson Rodrigues criou, em “Anjo Negro”, uma nova forma de construir o trágico.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Editora 34, 2017.

RODRIGUES, Nelson. **Anjo Negro**. Disponível em: https://kbook.com.br/wp-content/files_mf/nelson_rodrigues_o_anjo_negro.pdf. Acesso em: 09 jun. 2021.

SANTOS, Adilson. A tragédia grega: um estudo teórico. **Revista Investigações**. Linguística e Teoria Literária. Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE. v. 18, n. 1, 2005. Disponível em: [1501-3958-1-PB.pdf](#).

SÓFOCLES. **A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.